



## ST9. HISTÓRIA POLÍTICA

### A BIOGRAFIA RENOVADA ENQUANTO MÉTODO VIÁVEL DE ESTUDO<sup>1</sup>

Pedro Fernandes Russo<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo busca-se compreender o que seria a renovação da biografia e a viabilidade de utilizá-la para estudar a vida da ex-presa política Áurea Moretti Pires. Áurea lutou nas Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN) em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Primeiro será feita a relação do motivo pela escolha do método biográfico. Em um segundo momento far-se-á uma explanação teórica sobre as possibilidades da biografia e por último como utilizá-la para conseguir realizar a pesquisa.

**Palavras-chave:** Biografia. Biografia Renovada. Ditadura Civil-Militar Brasileira. Áurea Moretti Pires.

A ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) sobreviveu por 21 (vinte e um) anos. Os pesquisadores que estudam este conturbado momento da história recente brasileira se defrontam com inúmeras histórias e fatos lembrados pelos personagens que viveram o período. Uma cifra muito maior do que se pode calcular de histórias circulam nas bocas dessas pessoas e estão sendo estudadas na academia, mas muito ainda precisa ser apurado.

Das inúmeras histórias que podem ser citadas aqui, como a de Madre Maurina – freira que foi erroneamente acusada de ligação com as Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), tendo sido presa e barbaramente torturada. Ou de Ivan Seixas – que foi preso aos 16 (dezesesseis) anos de idade como inimigo do Estado e considerado perigosíssimo terrorista –, a de Áurea Moretti Pires, militante das FALN, foi a que chamou maior atenção desse historiador. Por inúmeros motivos, dentre eles, estudar uma resistente política no interior de São Paulo, ou até mesmo a resistência no próprio

<sup>1</sup> Trabalho orientado pela Profa. Dra. Márcia Pereira da Silva, docente do Curso de Graduação em História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista - UNESP - campus Franca. Dissertação de Mestrado.

<sup>2</sup> Graduado desde 2009 em História pela Universidade Estadual Paulista - UNESP - campus Franca. Mestrando no Programa de Pós-graduação (UNESP-Franca). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

interior paulista. Também devido à necessidade de despolarizar as pesquisas centradas em grandes personagens e movimentos tanto da direita quanto da esquerda. Entretanto, com a ampliação dos programas de pós-graduação, já há algum tempo houve um aumento nos estudos das organizações menores e de pessoas menos conhecidas e que voltaram os holofotes da academia para o interior de São Paulo, vide os trabalhos de Marcelo Botosso sobre as FALN - *FALN: A Guerrilha em Ribeirão Preto* e *FALN: A Resistência Armada em Ribeirão Preto*.

Todavia ainda existiam alguns questionamentos que poderiam ser levantados a fim de fazer um estudo sobre Áurea e que ainda não haviam sido trabalhados. Como qual a relevância da participação feminina nos movimentos armados de resistência à ditadura? Ou como compreender a subjetividade feminina em um ambiente majoritariamente masculino, que era o da guerrilha clandestina? Mais precisamente, é preciso analisar como a questão de gênero influenciava o cotidiano da resistência clandestina à ditadura civil-militar e quais as percepções da mulher, neste caso especificamente Áurea, neste meio.

Ficou decidido, dessa maneira, que o foco da pesquisa seria as percepções de Áurea nos anos em que lutou contra a ditadura civil-militar, tendo sido torturada e presa. Para tanto foi escolhido o método biográfico. Fazer uma biografia da vida de Áurea a fim de trazer à tona suas vivências particulares foi, segundo as percepções desse pesquisador, a melhor forma encontrada para analisar a participação feminina na luta armada.

Contudo, o método biográfico perpassa por uma discussão teórica mais profunda que é tangenciada pela Nova História Política. Para René Rémond, o eixo central da renovação da História Política está no dinâmico intercâmbio com a ciência política. Assim, dando vazão ao surgimento de temas complexos e antes desestimados como: biografias, processo eleitoral, trajetória intelectual, partidos políticos, etc. Há também o contato com outras ciências como a Antropologia, a Linguística, a Sociologia, a Psicologia, que fortaleceram a renovação e promoveram estudos em torno da sociabilidade, análise de discurso e história da cultura. Como nos diz Marieta de Moraes Ferreira na apresentação à versão brasileira do livro *Por Uma História Política*:

A Nova História Política, segundo René Rémond, preenche todos os requisitos necessários para ser reabilitada. Ao se ocupar do estudo da participação na vida política e dos processos eleitorais, integra todos os atores, mesmo os mais modestos, perdendo assim seu caráter elitista e individualista e elegendo as massas como seu objeto central. (RÉMOND, 2003, p. 7)

A renovação da biografia faz parte dessa nova história política e está explicitada no texto de Philippe Levillain *Os Protagonistas: da Biografia*. Nesse sentido, a *biografia renovada* surge como método adequado para compreender as vivências pessoais desses atores. Ao focar no indivíduo e relacioná-lo com outras ciências, tais como psicologia, psicanálise, biologia, sociologia e história, essa nova forma de fazer biografia parte da importância de cada indivíduo e como este se comporta e influencia o contexto em que está inserido. Como afirma Philippe Levillain:

Ela é o melhor meio, em compensação, de mostrar as ligações entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade, e de experimentar o tempo como prova da vida. Seu método, como seu sucesso, devem-se à insinuação da singularidade nas ciências humanas, que durante muito tempo não souberam o que fazer dela. (LEVILLAIN, 2003, p. 176)

Contudo, torna-se necessário compreender, teoricamente, de onde surge essa renovação da biografia e quais os limites e possibilidades desse método. Para que seja plena e cientificamente viável a sua escolha enquanto forma mais adequada de pesquisa para o tema apresentado.

A História Política na primeira metade do século XX e, dentre seus gêneros, a biografia, caíram em desuso. Tanto que na década de 1970 esta última foi considerada morta por LE ROY LADURIE (SHMIDT, 1996, p. 170). As razões para esse "falecimento" residem nos principais métodos quantitativos de análise historiográfica que foram amplamente utilizados. Como o marxismo e a Escola dos Annales, que não voltavam seus olhos para os indivíduos e sim para as massas. Além disso, na segunda fase dos Annales, Braudel com ênfase na história total, na longa duração e no interesse pelas estruturas fez com que a biografia perdesse seu espaço (SILVA, 2012, p. 4). Soma-se a isso a negação em relação à história factual, sem contar que a História ao outorgar a si o caráter de ciência não era simpática ao estilo narrativo, que é a maneira de se escrever própria da biografia.

Entretanto é perceptível nos dias de hoje o sucesso editorial das biografias. Basta passar em frente a uma livraria para notar que as biografias estão sempre em um considerável número nas vitrines. De onde surge essa volta à biografia? Quais as razões para que ela tenha ressurgido após ter sido considerada morta?

Segundo Schmidt:

Nos últimos anos, sobretudo a partir da década de 80, assiste-se a um redespertar do interesse dos historiadores pelos estudos biográficos. As razões deste fato são variadas e relacionam-se tanto com o contexto social da disciplina quanto com a sua transformação teórica. (SCHMIDT, 1996, p. 171).

Esse artigo visa compreender esta transformação teórica. A própria nomenclatura *biografia renovada* nos dá a dica de por onde começar. Se houve uma renovação é porque algo foi mudado, se algo teve que ser mudado é pelo motivo de ter se tornado obsoleto, ou seja, caído em desuso. Dessa maneira, uma pergunta paira no ar: quais características da renovação da biografia fizeram com que ela voltasse a figurar como método respeitado pelos historiadores?

O historiador Philippe Levillain em seu texto *Os protagonistas: da biografia* busca compreender as alternâncias historiográficas que possibilitaram a renovação. Segundo ele, a crise do marxismo no fim da década de 60; a libertação de uma história quantitativa e serial que teria subjugado a factual e que levou à necessidade da volta à História Política; a posição assumida pela biografia de estar no meio do caminho entre o

particular e o coletivo, identificando uma figura em um meio; o desenvolvimento do diário e da autobiografia, anteriores à renovação da década de 80, que dão nova importância para o “EU” na história; e por último a renovação do individualismo que “(...) remete sempre a dois dados: o reconhecimento da liberdade de escolha do homem; o confronto entre a sociedade e o indivíduo na fixação dos valores” (LEVILLAIN, 2003, p. 167) são, segundo Levillain, as principais características que possibilitaram a renovação da biografia.

Benito Bisso Schmidt em seu artigo *O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação* também elenca fatores importantes para esta renovação, tal como a ligação do indivíduo a seu contexto sem cair nem no “individualismo exacerbado (...), nem na determinação estrutural estrita.(...) Assim, diversos estudos biográficos contemporâneos buscam relacionar os personagens enfocados com dimensões sociais mais amplas” (SCHMIDT, 1996, p. 180); a escolha de personagens comuns e não de grandes nomes, característica também apontada por Levillain; a escolha do estilo literário comum se utilizando, entretanto, de uma narrativa que “não exclui a explicação de diferentes aspectos das trajetórias individuais, bem como dos contextos em que as mesmas se realizaram” (SCHMIDT, 1996, p. 180) e a busca pelo resgate não apenas dos feitos públicos/notáveis (característica das biografias positivistas), mas das diferentes facetas dos personagens ampliam a capacidade inteligível da biografia.

Por fim, mas não menos importante, percebe-se que os referidos historiadores buscam resgatar facetas diversificadas dos personagens biografados e não apenas, como nos trabalhos de inspiração positivista, a vida pública e os *feitos notáveis*. Emergem, então, em seus trabalhos entre outros aspectos, os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a vida privada, a inserção classista, política e religiosa e a vida cotidiana como espaço significativo da existência humana. (SCHMIDT, 1996, p. 180).

Portanto, a utilização da biografia como método para compreender e construir a história revela-se como um projeto viável e necessário. A chamada *biografia renovada* busca dar voz às histórias, como Levillain diz de “contemporâneos vivos”. Busca, além disso, focar os estudos em pessoas que viveram a história, mas não são necessariamente grandes personalidades e, exatamente por esse motivo, são consideradas fontes mais ricas:

Esse tipo de biografia pode também revelar constantes, indicar diferenças, captar a realidade dos problemas sociais através do concreto de uma vida. Tudo depende do nível significativo de um personagem. E é certo que quanto menos ele se situar entre os protagonistas da história, mais o ensinamento tem chance de ser rico [...] Se é verdade, no fundo, que não existe protestantismo sem Lutero, nazismo sem Hitler e fascismo sem Mussolini, o protestantismo, o nazismo e o fascismo geraram protestantes, nazistas e fascistas. Trata-se, portanto, de um conjunto de pessoas que aderiram

individualmente, com antecedentes e suas próprias experiências, a um fenômeno unitário. (LEVILLAIN, 2003, p. 175).

Mas ainda sim é necessário travar uma discussão para analisar os limites e as possibilidades do método biográfico. Quais as suas fronteiras e a viabilidade de serem ou não ultrapassadas e como fazê-lo para que o estudo proposto consiga ser realmente completo e profundo.

SILVA em seu artigo “*O historiador e as biografias: desafios, possibilidades e abordagens de trabalho*” elenca alguns problemas que o historiador que se propõe a fazer uma biografia poderá enfrentar. A escolha do biografado é o primeiro apontado pela autora, pois pelo fato de advir das camadas populares talvez seja difícil encontrar materiais sobre ele ou, caso saiba da existência de documentos, até mesmo ter acesso a esses materiais já que algumas vezes os documentos podem estar em posse privada. Para que seja possível vencer essa barreira, o historiador que se propõe a fazer uma biografia não deve perder de vista a necessidade de utilizar diversos tipos de fontes históricas, sejam as entrevistas com o próprio biografado ou pessoas próximas a ele, seja em documentos oficiais ou jornais e revistas. O historiador deve estar atento para a forma como trabalhar com as mais diversas fontes, pois cada uma possui um método para ser analisado e tal método deve ser respeitado (SILVA, 2012, p. 9)

Outra dificuldade apontada pela autora é o que Bourdieu chama de “ilusão biográfica” que seria a criação de um sentido artificial à vida do biografado.

A preocupação de Bourdieu ao falar da ilusão biográfica era achar uma teoria para a escrita de biografias. O autor parecia se preocupar com os tipos de biografias modernas que são, em geral, escritas ou como autobiografias ou como estudos feitos a partir de longas entrevistas. Bourdieu acentuou que a narrativa biográfica tem como objetivo encontrar um sentido, indicar uma sequência lógica, estabelecer relações inteligíveis. (SILVA, 2012, p. 8).

Somado a isso, o historiador também deve ter consciência de sua própria subjetividade, não pode esquecer que quando fala de outra pessoa, na verdade faz referência de si mesmo e, por isso, deve criar sua própria forma de falar do outro. (SOLANO, 2010, p. 9).

Em relação ao estilo narrativo da biografia, que sempre foi uma das principais críticas dos historiadores ao método biográfico. O biógrafo deve conseguir aliar as duas coisas, se quiser fazer seu trabalho em um estilo narrativo não pode deixar de lado o caráter científico historiográfico, ou seja, o rigor acadêmico que prima por uma visão holística do personagem estudado. Fazer biografia nos dias de hoje não é simplesmente contar a história de vida de alguma pessoa e sim fazer uma análise científica dos motivos que levaram às escolhas pessoais desses personagens. (SILVA, 2012, p. 9).

Os problemas levantados por esse texto servem para analisar a viabilidade da pesquisa apresentada pelo autor: *Áurea Moretti: a mulher, a resistência e a tortura*. Áurea hoje com 69 (sessenta e nove) anos de idade ainda trabalha como enfermeira e possui uma ponte de ligação com esse pesquisador que já fez, inclusive, algumas entrevistas gravadas com a personagem. O *corpus documental* do trabalho também é de

fácil acesso, visto que será utilizado o Processo 198/69, processo judicial que condenou os participantes das FALN (dentre eles Áurea), que está no “Arquivo Histórico” de Franca e possui acesso livre para pesquisadores.

A “ilusão biográfica” apontada por Bourdieu, assim como a compreensão da subjetividade que o historiador deve ter de si, residem na autorreflexão que deve ser feita pelo próprio pesquisador com a ajuda de seu orientador, pois muitas vezes outro pesquisador, com uma visão mais madura e um pouco distante da personagem estudada, pode ajudar nessa autorreflexão. A renovação da biografia aponta todos os caminhos que devem ser seguidos pelo historiador a fim de que seja feita uma biografia adequada aos parâmetros científicos e acadêmicos. Dessa maneira, ao se propor uma biografia academicamente histórica, deve-se seguir as premissas apontadas acima por Schmidt e Levillain.

Finalmente, em relação ao estilo de escrita, o pesquisador deve-se ater à melhor forma que considera adequada para a biografia que produzirá. Entretanto deve manter em mente que se optar pelo estilo narrativo não pode simplesmente abandonar um raciocínio lógico e nem deixar de lado elementos relevantes para que a pesquisa mantenha o caráter crítico e científico. Para isso o diálogo com outras ciências, tais como antropologia, ciência política, sociologia, etc., visam suprir essa demanda.

Em Schmidt existe mais um elemento, considerado aqui indispensável, que será utilizado na pesquisa: A história da vida cotidiana como meio aglutinador na pesquisa biográfica. O estudo da vida cotidiana é complementar à biografia, pois consegue sanar boa parte das inúmeras dificuldades que o historiador/biógrafo deve enfrentar, visto que o cotidiano é a matéria mais extensa da biografia, pelo fato de estudar a vida diária. A vida cotidiana possibilita observar todas as particularidades do indivíduo estudado e a sua relação com o público. Da mesma forma que o cotidiano pode imergir as pessoas na alienação, é dentro da cotidianidade que as mulheres e homens exercem suas criatividade e resistem à ordem estabelecida. Por esse motivo, a perspectiva cotidiana consegue relacionar o biografado ao seu contexto (SCHMIDT, 1996, p. 187-189).

Além disso, a perspectiva do cotidiano contribui para a pesquisa biográfica ao trazer para a análise uma dimensão universal, ontologicamente insuprimível, presente em todo modo de existência humana. A cotidianidade está presente em qualquer esfera da vida do homem; no âmbito público e no privado, nas experiências e nos discursos, etc. Para HELLER, “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade”. Deste modo, parece-me que o entendimento de uma trajetória individual passa necessariamente pela análise do cotidiano. Esta possibilita ao pesquisador atingir uma das principais metas das novas biografias: resgatar o personagem focado em suas múltiplas facetas, como um “homem inteiro”. (SCHMIDT, 1996, p. 188).

O estudo da vida cotidiana é, portanto, o que guiará a biografia de Áurea Moretti Pires, já que consegue suprimir a maior parte das demandas advindas da renovação biográfica e possibilita, principalmente, fazer a conexão entre privado e

público, indivíduo e contexto. Compreender o cotidiano na vida clandestina de Áurea será um dos principais elementos para embasar a pesquisa. Pois, ao mesmo tempo que traz as vivências de Áurea, consegue interligá-la ao seu contexto, permitindo a compreensão científica da personagem e do seu meio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTOSSO, Marcelo. **FALN: A Guerrilha em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Holos Editora, 2006.

BOTOSSO, Marcelo. **FALN: A Resistência Armada em Ribeirão Preto**. Monografia apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Unesp, 1998.

BOURDIEU, P. A Ilusão Biográfica. In: \_\_\_\_\_. *Razões Práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996, p. 74-82.

CERTEAU, M. de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. *Topoi*, v.10, n. 19, 2009, p. 7-16.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

KOSIK, Karel. **Dialéctica de lo concreto**. México, Grijalbo, 1963.

LEVILLAIN, Philippe. *Os protagonistas: da biografia*. In: RÉMOND, René (Org). **Por Uma História Política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ORIEUX, J. A arte do biógrafo. In: DUBY, G. et all. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, s/d., p. 33-42.

PETERSEN, Sílvia R.F. A renovação da historiografia e o tema da vida cotidiana: desfazendo alguns equívocos. In: MAUCH, Claudia e outros. **Porto Alegre na virada do século XIX: cultura e sociedade**. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo, Ed. da Universidade-UFRGS/Ed. Ulbra/Ed. UNISINOS, 1994.

RÉMOND, René (org.). **Por Uma História Política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SCHMIDT, Benito B. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. N. 6 (dez. 1996), p. 165-192. Disponível em: <https://www.repositorioceme.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31755/000097057.pdf?sequence=1>

SCHMIDT, Benito Bisso. **Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História – UFRGS, 1996.

SILVA, Semíramis C. O historiador e as Biografias: desafios, possibilidades e abordagens de trabalho. História imagens e narrativas. N. 14. (abr. 2012) p. 1-14. 2012. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao14abril2012/biografias.pdf>

SOLANO, A. F. A biografia desafiada: os contornos de uma vida por François Dosse, *Fênix*, Revista de História e Estudos Culturais, vol. 7, ano VII, n. 02, 2010, p. 01-10. Disponível em: [http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/RESENHA\\_1\\_%20ALEXANDRE\\_FRANCISCO\\_SOLANO\\_FENIX\\_MAIO\\_AGOSTO\\_2010.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/RESENHA_1_%20ALEXANDRE_FRANCISCO_SOLANO_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf)

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa. Reflexões sobre uma nova velha história. **RH –Revista de História**. Campinas. IFCH/UNICAMP, Inverno 1991.